

SESSÃO 38 – ARTIGOS

POR QUAL FIO SE INICIA UMA ESCRITA DE UMA SALA DE AULA DE MATEMÁTICA?

Aline Aparecida da Silva¹

Resumo: Uma pesquisa é movida por questões envolvendo aprendizagens em salas de aula de matemática. A investigação acontece em uma escola da rede municipal de Juiz de Fora (MG), nos anos finais do ensino fundamental. Os acontecimentos nas aulas de matemática produzem inquietações: Como escrever uma sala de aula de matemática? Como uma investigação se faz enquanto escrita? Exercício de uma escrita que sustente a intensidade e processualidade do campo. Um escrever se faz rizoma junto aos acontecimentos, uma escrita se torna pesquisa.

Palavras-chave: Escrita; sala de aula; matemática.

Uma investigação se faz junto à escola². Uma professora-pesquisadora é movida por questões envolvendo aprendizagens em uma sala de aula de matemática.

A professora estava curiosa para ver como o aluno resolveria esse problema, se continuaria a resistir, deixou-o à vontade, como se o incentivasse. Ficou em silêncio, se surpreendia com caminhos matemáticos trilhados pelo garoto. Ele que estava a lhe ensinar outras coisas que ela ainda não se dava conta. Naquele dia o garoto era o autor da sua própria aula. A professora tentava sustentar aquela situação procurando se colocar como coadjuvante. Permitia-se pensar nos modos de operar dos alunos que lhe escapavam, pela imposição de uma técnica que sempre era anunciada em uma aula de matemática.³

Uma aula é movimento, constitui-se nas relações de corpos, conhecimentos, afetos e desafetos. No visível e invisível. Mesmo na tentativa de manter o controle em uma aula, com os esforços na produção de uma disciplina e em planejamentos dos conteúdos a serem ensinados, escapes se dão rompendo com o esperado.

O professor estava tomado por aquela estranha atenção, procurava sustentar aquilo fugindo de uma centralidade, queria ver os alunos tentando, não tinha pressa para aquela atividade terminar. Observava os alunos discutindo, medindo, recortando e ao mesmo tempo conversando sobre outras coisas, rindo, pedindo mais folhas, para refazer o cubo que não saiu perfeito... Queriam mostrar o que tinham produzido, prometiam trazer na aula seguinte. O professor, pensativo e atento, não entendia como tudo acontecia ao mesmo tempo. Na porta, já aguardava a professora que daria a aula seguinte.
– Já bateu o sino? Desculpas, eu nem ouvi.

¹ Professora da rede pública estadual de Minas Gerais. Possui graduação em matemática pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UFJF. E-mail: alinesilva.mat@gmail.com.

² A pesquisa POR UMA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA MENOR: currículo e formação de professores junto à sala de aula de matemática (CAPES/FAPEMIG, Processo nº APQ 03480-12) está sendo realizada em uma escola da rede municipal da cidade de Juiz de Fora desde setembro de 2013.

³ A sala de aula de matemática, trazida em fragmentos neste artigo, compõe o texto elaborado para o exame de qualificação e apresentado à banca no dia 18 de março de 2015.

POR QUAL FIO SE INICIA UMA ESCRITA DE UMA SALA DE AULA DE MATEMÁTICA?

Uma aula se faz e se refaz ao ritmo das forças em um tempo que não é o da contagem de minutos. Composição com vestígios de aulas anteriores e junto a fios lançados do presente. Desdobramentos de desdobramentos. “Uma aula é um cubo, ou seja, um espaço-tempo. Muitas coisas acontecem numa aula (...). Uma aula é algo que se estende de uma semana a outra. É um espaço e uma temporalidade muito especiais” (DELEUZE, 1988-1989, s/p).

O silêncio permanecia, parecia homogeneizar a turma. Mas, mais de perto, era possível notar que os alunos reagiam de diversas maneiras: abaixavam a cabeça e mantinham a cara de sono, escreviam qualquer coisa nas últimas páginas do caderno, ouviam música escondidos, com seus celulares e fones, se distraíam olhando pela janela, tentavam resolver as equações, alguns seguiam a resolução da primeira equação como modelo.

Uma professora-pesquisadora se pergunta muitas coisas, eis algumas: Como escrever uma sala de aula de matemática? Como uma investigação se faz enquanto escrita?

Como adoecer um texto?

Um texto composto para ser saudável. Uma epígrafe anuncia o tom que o texto tomará. Escrita limpa de narrativas. Doses de citações para adquirir uma imunidade, contra uma inconsistência? Como se daria um texto composto sem as aflições em ser saudável?

Escrever enquanto produção. Não se quer relatório, conto, prosa... ainda. Sustentação de acontecimentos. Dar vazão a uma aula na ação de escrever. Escrita sem nome, sem categoria, “quando a inteligência intervém, é sempre depois”. (DELEUZE, 2010, p. 21)

O que move, em mim, o trabalho?

Isso: escola, currículo e matemática.

Só isso.

(...)

Só isso: escola, currículo e matemática.

Escola sem o resto.

Currículo sem o resto.

Matemática sem o resto.

(..)

“Número de alunos reprovados em matemática

em quatro turmas do sétimo ano

em uma escola: 28”

– Acredita nessa doença?

Escola é resto!

Currículo é resto!

Matemática é resto!

E todo resto também o é!

– Acredita nessa doença?

Senão é resto, o que é? Onde tem currículo fora do resto?

– Acredita nessa doença?

Matemática, difícil de ensinar e de aprender.

– Acredita?

Há doenças.

Os sentidos estão adoecidos.
Uma membrana cobre os olhos.
O paladar não saboreia.
O ouvido não ouve.
O olfato não cheira.
O tato, pele dura, espessa,
tenta o impossível, ser impermeável.
Outros sentidos sem nome também estão doentes
por, e para, separar o restante:
Da escola, do currículo, da matemática,
do professor, do aluno...
Modelos matemáticos. Modelos.
– Acredita nessa doença?
E o que resta?
Aprendizagens.
Isso mesmo: APRENDIZAGEM
da, e na, matemática. Tirando tudo, resta!
Resta aprendizagem!
– Acredita nessa doença?

Modos de escrever para compor uma investigação. Linhas percorrem acontecimentos fragmentados e sutis para costurá-los em uma escrita; entrelaçar escolas, aulas de matemáticas, textos, conversas...

Um texto vai se compondo acompanhando os passos de um garoto. Não se sabe onde vai dar, percorre sem desejo de atingir uma forma saudável (...). O garoto sorri de novo. Simplesmente sorri. Mesmo não compreendendo, a professora não se incomoda, mas o fazer da atividade começa entrar na competição. O garoto não sabe contar de dez em dez. Como ensinar matemática para alguém que não sabe contar? Ensinar matemática e ensinar a contar é a mesma coisa? Um texto vai se compondo entre as relações com a matemática. Entre sorrisos enigmáticos. O que se aprende com sorrisos? O que se aprende com matemática?

Processualidade de um campo que impõe uma escrita que sustente a intensidade dos acontecimentos. Escrita que não registra, apenas, mas compõe uma investigação, que se produz enquanto emaranhado, que se torna, também, rizoma.

No rizoma as linhas estão em movimento e suas formas são provisórias. Quando uma forma é capturada ela já não é mais a mesma. Não é possível reproduzir como no decalque.

Uma possibilidade, fazer mapa e não decalque. “Um mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida competência”. (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 21)

O que resta é fazer parte de rizoma, compor com ele. Produzir um mapa. Risco? Mas não é arriscado fazer de um decalque mapa?

A cartografia, como modo de pesquisar, surge como princípio do rizoma. (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 20). Um modo que se torna um método construído no próprio pesquisar.

Por qual fio se inicia uma escrita? Seria o mesmo que perguntar por qual fio se começa um rizoma? Pergunta sem resposta. Um rizoma, não tem começo nem fim, ele cresce pelo meio.

Uma escrita se torna uma investigação enquanto trama com sala de aula, aprendizagens, matemáticas, professores, alunos, aprendizagens, estrelinha de papel, sorrisos, aprendizagens, gritos, currículo, afetos, livros, escola, desafetos, aprendizagens e e e...

Um escrever que não se preocupa em capturar formas mas em produzir com. Processualidades que pedem língua. Em uma escrita, não cabe uma aula de matemática, mas um escrever que se produz junto ao acontecimento. “O acontecimento é inseparavelmente o sentido das frases e o devir do mundo; é o que, do mundo, deixa-se envolver na linguagem e permite que funcione”. (ZOURABICHVILI, 2004, p. 7)

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. v. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELEUZE, Gilles. *Abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevistas de Deleuze a Claire Parnet (1988-1989). Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. Publicado em 1994-1995. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>. Acessado em: junho de 2015.

ZOURABICHVILI, François. *O Vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.